

PARCELEIROS DO ASSENTAMENTO SERRA: MARGINALIZAÇÃO, ESQUECIMENTO OU DISCRIMINAÇÃO?

*Luciano Rodrigues Borges – G/UEMS
Silvane Aparecida de Freitas Martins - UEMS*

Resumo: Neste artigo, serão apresentados os relatos de história de vida de um morador que faz parte do Assentamento Serra, desde o sorteio das terras. Após análise dos dados, pôde-se comprovar o quanto a marginalização e o esquecimento estão presentes no local, pois tanto as autoridades como a sociedade ignoram os direitos desse povo, que enfrenta muitas dificuldades de infra-estrutura e sócio-econômica, mas mesmo assim, conseguiram realizar seu sonho, que é ter um pedaço de terra, onde pudessem buscar a sua subsistência.

Palavras-chave: História de vida. Assentamento Serra. Marginalização. Exclusão.

Abstract: In this article, the stories of history of life of an inhabitant who is part of the Assentamento Serra range, since the drawing of lands will be presented. After analysis of the data, could be proven how much the marginalized and forgotten marginalização are gifts in the place, therefore in such a way the authorities as the society exactly ignore the rights of this people, who faces many partner-economic infrastructure difficulties and, but thus, had obtained to carry through its dream, that are to have a land piece, where could search its subsistence.

Key word: Life history. Assentamento Serra; Marginalized. Exclusion.

1. Introdução

Nos dias atuais, ouvimos muito falar sobre inclusão social, principalmente no âmbito escolar, oportunidade em que todos discutem sobre a inclusão de indivíduos portadores de necessidades especiais, esquecendo da amplitude do discurso da diversidade, pois com as mudanças sociais, há várias formas de inclusão esquecidas pela sociedade. Nesta pesquisa, estaremos primando pela inclusão social, inclusão dos que estão à margem, estigmatizados, apesar de serem grandes desbravadores e lutadores por dias melhores.

Isso com o objetivo de mostrar que esses assentados, também participam das esferas tanto política, econômica e cultural de nosso país. Mesmo eles não tendo consciência de sua importância dentro do contexto sócio-histórico em que estamos inseridos, eles fazem parte de nossa história.

É importante lembrar a diversidade cultural existente dentro do Assentamento Serra, com assentados provenientes de várias cidades vizinhas e de culturas bastante diferenciadas, tornando o local um rico e variado pólo cultural. Talvez muito ignorado, por isso a importância de um trabalho que resgate as histórias de vida desses moradores, respeitando sua diversidade.

Assim sendo, este estudo primará pelo resgate da auto-estima desses assentados, para que, ao registrarem suas histórias, tornarem público parte de sua vida, sintam-se mais prestigiados

perante a sociedade, pois estaremos resgatando o direito de ter voz, de serem sujeitos e não somente excluídos como acontece no dia-a-dia.

Também se faz necessário ressaltar as condições políticas, histórico-culturais, as questões que derivam da situação de contato entre assentados e população em geral, não esquecendo da relação entre assentamento e autoridades.

Nesse sentido, temos como principal objetivo da pesquisa, aprofundar nossos conhecimentos sobre o contexto histórico-sócio-cultural e ideológico dos moradores do Assentamento Serra para podermos entender suas histórias, suas dificuldades e seus anseios.

Tendo em vista que esta pesquisa faz parte de uma pesquisa maior, intitulada *História de vida: a construção da identidade dos parceiros do Assentamento Serra* – com apoio da FUNDECT-MS -, e que o grupo de pesquisadores deste Projeto coletou as histórias de vida de vinte moradores (via entrevista áudio-gravada) que fazem parte do Assentamento desde o sorteio das terras, ou seja, os mais antigos do local; selecionamos, para esta pesquisa, um desses entrevistados para fazer parte do *corpus* desta pesquisa, que é o sr. Ailton Bezerra da Silva.

É importante salientar que o sujeito desta pesquisa autorizou a divulgação de seu nome, nesta pesquisa, cuja autorização está devidamente gravada em áudio. Isso porque ele faz questão que sua história de vida não fique no anonimato, que passe a ser exemplo de luta e de reconhecimento pela sociedade contemporânea.

Isso porque nenhuma história, conquanto processo e construção da trajetória da humanidade ao longo dos tempos, permanece apenas na oralidade. A história da humanidade, em sua realização, constitui-se pela inter-relação de fatos, processos e dinâmicas que, mediante movimentos dialéticos e da ação dos sujeitos históricos, individuais ou coletivos, transformam as condições de vida do ser humano ou se empenham em mantê-las como estão. (DELGADO, 2006, p.15).

2. O Assentamento Serra

Nesta pesquisa, temos um exemplo de Assentamento, que apesar das dificuldades e de não serem filiados ao MST, podemos dizer que é um caminho para a luta pelo campo, para o início de vida do pequeno agricultor. Vamos passar a analisar uma das vitórias desse povo marginalizado, que se efetivou em um Assentamento. Mais conhecido como “Assentamento Serra”, localizado na região nordeste do estado de Mato Grosso do Sul, no município de Paranaíba. A sede do Assentamento está localizada a 43 km do município de Inocência e a ligação é feita por estrada de chão batido, com alguns pontos críticos na época das chuvas.

Esse local faz divisa também com o município de Cassilândia-MS, a 53km de distância e a ligação é feita pela mesma estrada, com pontos críticos também na época das chuvas; a 82 km, fica o município de Paranaíba, do qual faz parte, sendo a ligação feita por 39 km de estrada de terra, que na época das chuvas também fica intransitável e 43 km de asfalto; e a 370 km da capital do estado de Mato Grosso do Sul.

No ano de 1996, deu-se início à negociação entre Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paranaíba, junto ao proprietário das terras e o INCRA, pois era de interesse do proprietário a venda da fazenda, no entanto, foram indeferidas as negociações, alegando-se que as terras eram impróprias à Reforma Agrária.

Em 22 de dezembro de 1996, foi fundado, em Inocência-MS, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Logo, no início, o Presidente Sr. Benedito Lopes procurou o proprietário da fazenda Sr. João Alves Ferreira, para tentar novamente a negociação da fazenda com o INCRA, alegando a boa qualidade da terra.

Com esta retomada das negociações e a promulgação do decreto de desapropriação, os trabalhadores rurais cadastrados junto ao Sindicato de Inocência, montaram acampamento no corredor da propriedade, em setembro de 1997, com cerca de 148 famílias, despertando, assim, um grande interesse do presidente do Sindicato de Paranaíba e seus filiados. Só que este interesse, causou uma grande revolta por parte dos filiados de Inocência.

Com o decorrer de todas as negociações entre os sindicatos dos trabalhadores de ambas as cidades e o INCRA, ficou decidido que seriam assentadas as famílias de Inocência, Paranaíba, Cassilândia, Aparecida do Taboado e Três Lagoas, dando prioridade para os cadastros mais antigos. A propriedade é localizada a 82 km de Paranaíba, com uma área total de 3.004.0000 ha; era conhecida como Planalto da Velhacaria.

Um ponto interessante da desapropriação da terra, é que essa terra não era improdutiva, mas sim uma fazenda com altos índices de produção em anos anteriores. No ano de 1995, foram destinados 900 ha ao plantio de soja e milho (600 ha/milho e 300 ha/soja) e obteve-se 1.439,6 toneladas de milho e 700,7 toneladas de soja, contando também com a criação de gado de corte e leiteiro (cf. dados do INCRA e do histórico oferecido pela Associação dos moradores do Assentamento Serra).

No estado de Mato Grosso do Sul, houve várias desapropriações de grande significado, mas a entrega de uma propriedade em especial, merece destaque, a Fazenda Itamarati, que já foi a maior plantação de soja do mundo, atingindo padrões de produtividade jamais vistos no país. O Ministério do Desenvolvimento Agrário comprou metade da fazenda (25.010 mil hectares), assentando 1300 famílias. Foi um assentamento que visava dar assistência ao lavrador e sua família, não visando grandes produções, como nos anos anteriores.

O mesmo acontece com a fazenda Planalto da Velhacaria, que perdeu a grande produção de anos anteriores, pois os assentados não dispunham de tecnologia de ponta, maquinário adequado, não possuindo recursos suficientes para se investir de maneira adequada. (LAMBLÉM, 2001).

Este avanço no que diz respeito à reforma agrária, é afirmado pela autora da Monografia de graduação em Direito, Gláucia Aparecida da Silva Lamblém, que segundo suas pesquisas,

Em Mato Grosso do Sul, algumas medidas também foram planejadas e estão sendo adotadas pelo atual governo, em parceria com o governo federal. Além de desapropriações efetuadas ao longo de sua história (considerando ser um estado bastante jovem), outras vêm sendo pouco a pouco implantadas com o fito de manter o homem no campo, estabelecer uma forte economia de mercado e por fim diminuir a miséria no campo. (LAMBLÉM, 2001, p.96).

O Assentamento Serra possui 116 famílias assentadas, com lotes de área média entre 20, 16, 15 ha. Sendo estes lotes, em sua maioria, protegidos por terraços, porém em muitas das parcelas, já houve um rebaixamento, havendo, portanto a necessidade de que se levantem os mesmos. (dados levantados no escritório do INCRA e checados a partir de diversas visitas locais e entrevistas aos moradores).

Para exploração comercial em grande escala tem que se fazer um grande investimento em correção de acidez dos solos, pois apesar da área sempre ter tido uma boa média de produtividade de soja (46 sacas/ha) e milho (107 sacas/ha), hoje se encontra um tanto desgastada, havendo, portanto a necessidade de tal investimento.

Na questão dos recursos hídricos, na área do Assentamento, existe o Córrego da Divisa, o Córrego da Barraca, Cabeceira da Velhacaria e a Cabeceira do Azulão e algumas outras sem

denominação. Mas apesar dessas cabeceiras, 80% das parcelas de terra não possuem aguadas naturais, dificultando a principal forma de exploração que seria a pecuária, ficando difícil inclusive a obtenção de água para o consumo diário e a agricultura doméstica.

Constatamos que existem parceleiros que buscam água a até 3 km de distância para atender as suas necessidades domésticas (serviços domésticos, higiene, alimentação etc.), sendo que alguns buscam em vizinhos e a maioria busca água na sede, água esta proveniente do poço semi-artesiano que já existia.

Apesar dessa dificuldade, quase toda área dos lotes, hoje, já está ocupada com pastagens cultivadas, sendo que em quase todos os lotes foram plantadas algumas culturas de subsistência, mandioca, milho, arroz, feijão, hortaliças e pomar caseiro.

Por meio das visitas de campo, observamos que uma forma muito usada no Assentamento é a troca de dias de serviço, pois devido à falta de recursos, os parceleiros promovem ajudas entre si, tanto às mulheres quanto aos homens, por meio de mutirões ou a troca de dias de serviço, tanto nas atividades agropecuárias ou demais necessidades, não havendo quase nunca alguma remuneração em espécie. Além disso, não se vê, no local, muita distinção entre trabalho masculino e feminino, pois as mulheres tanto apartam vacas, cuidam dos porcos, consertam cercas, como vão para a lavoura, e os homens, alguns, ajudam nos serviços domésticos, sobretudo, nas refeições diárias.

Quando não estão fazendo a troca de serviços, a maioria, cerca de 70% dos parceleiros, consegue sua renda mediante a venda da mão-de-obra para fazendas vizinhas, renda esta complementada pela produção de subsistência do lote.

Pela observação *in locu*, sobre a questão da educação no Assentamento, verificou-se que só existe uma escola, improvisada na antiga sede da fazenda, não sendo planejada para receber as crianças de forma adequada.

Nesta escola só são atendidas crianças que cursam até a 4ª série, sendo que as demais séries do ensino fundamental, só são oferecidas nas cidades vizinhas ou no Distrito do Tamandaré, que pertence ao município de Paranaíba.

A prefeitura oferece o ônibus que faz o transporte dos alunos. Mas esta locomoção se torna um processo muito desgastante para as crianças, que são obrigadas a levantar muito cedo, para poderem chegar à escola, por isso retornam para casa muito desgastadas. Esta rotina se torna muito difícil, tanto para as crianças quanto para seus pais que acabam se preocupando muito com seus filhos neste trajeto entre assentamento e escola.

Não se vê no local uma escola que atenda as diferenças culturais desse povo, há uma grande homogeneização do saber e, sempre, objetivando economizar gastos com a educação. Portanto a questão da inclusão social desse povo por meio da educação está longe de ser atendida. Seria necessário que a escola realizasse um trabalho que mantivesse a diversidade na unidade, isto é, concebesse a unidade como garantia de sobrevivência sem desconhecer as diferenças. (ORLANDI, 2002).

No que diz respeito à saúde, a situação do Assentamento também é muito deficitária. Pois o médico visita o Assentamento apenas uma vez na semana, e quando o paciente precisa de algum remédio deve esperar a outra semana, quando o médico lá retorna.

Por isso muitas famílias preferem ir ao município vizinho, Inocência, para poderem se consultar, principalmente, quando o problema de saúde precisa de um atendimento imediato. Causando, assim, certa dificuldade no que diz respeito à saúde.

Devido à dificuldade em relação à água, muitos assentados usam água de represas ou de poços artesianos, sendo uma água sem nenhum tratamento, podendo trazer alguns problemas para

os assentados. Praticamente todas as moradias possuem fossas sépticas e o lixo é jogado em buracos que ficaram abertos quando construíram as casas, sendo que todas possuem banheiros internos. Nota-se, portanto, que no quesito saúde, há necessidade de diversas melhorias por parte do poder público.

Com relação à cultura e lazer, no Assentamento, praticamente não há manifestações culturais, a não ser reuniões de senhoras e alguns parceiros para realizações de cultos religiosos, pois outro tipo de lazer, a não ser um campo de futebol na área denominada área verde, que é ocupado, de vez em quando, pelos moradores do local.

Assim sendo, há muito a ser investido no Assentamento, fala-se muito em leis de reforma agrária, em se incentivar os moradores rurais a permanecerem no campo, em direitos iguais para todos e, em incentivar o homem a permanecer no campo, mas muito pouco é feito na realidade, como poderemos ratificar ao lermos o relato da história de vida de um morador desse Assentamento.

3. História de vida de Ailton Bezerra da Silva, vulgo Guim

Partimos do princípio que os movimentos da História são múltiplos e se traduzem por mudanças lentas ou abruptas, por conservação de ordens sociais, políticas e econômicas e também por reações às transformações. (DELGADO, 2006, 15). Nesse sentido, ao relatarmos a história de vida de um dos moradores do Assentamento, estaremos acompanhando o seu movimento na história, os seus deslocamentos, rumo à transformação de uma sociedade solidificada pelo poder e a exclusão.

O senhor Ailton Bezerra da Silva tem 44 anos de idade, possui mulher e três filhos. Antes de vir para o Assentamento, trabalhava com lavoura de abacaxi em Goiás.

Eu morava, em Goiás. Nós mexia com abacaxi, eu plantava. Nós vivia até bem [...] Aí, eu quis vir para cá porque a gente vivia morando de arrendamento, aí eu achei que se trabalhar numa terra minha, eu ia desenvolver melhor. Mas infelizmente, parece que não deu muito certo não. Agora pra frente está melhorando, mas até uns três anos atrás não deu certo não. (Ailton Bezerra)

O senhor Ailton também é um morador que está no Assentamento Serra desde o sorteio dos lotes, mediante seu relato, percebe-se que a maioria dos moradores que está no Assentamento desde o início do loteamento, era trabalhador do campo, todos já tinham sua vida sofrida de empregado em fazendas ou empreitas.

Pudemos constatar também por seus relatos certas artimanhas usadas pelos fazendeiros que vendem suas terras para o INCRA.

Aqui foi meio complicado, porque nós ficou 90 dias acampado ali na divisa com Inocência, aí depois o fazendeiro queria que nós entrasse pra fazenda [...] só que todos é assim, depois que o pessoal entra, eles falam que invadiram e recorrem na justiça pra aumentar os preços da terra. Aí nós não quisemos entrar não, porque nós não tinha a autorização da fiscalização. Aí nós aguardamos, e quando entramos pra dentro, aí veio a autorização falando que já tinha negociado, e estava tudo pronto. Aí depois nós começamos a trabalhar, a medir terra, a conhecer os corgos, pra ver onde fazer a represa. (Ailton Bezerra da Silva)

Por meio desse discurso, podemos observar que a entrada nessas terras não se deu com violência, era algo desejado de ambas as partes, tanto pelo dono da terra, como por parte dos assentados de hoje. Eles passaram por várias dificuldades até poderem entrar em seu lote, mas isso não quer dizer que quando entraram acabaram-se as dificuldades, pelo contrário, apenas começaram os problemas, tiveram que arregaçar as mangas para conquistar o seu lote, a sua morada.

Minha esposa ficava em Tarumã, porque tinha filho na escola e tudo, né! Então não tinha como ficar os dois aqui. Depois do sorteio, a gente localizou cada um o seu lote. Limpamos o local para fazer o barraco, até construir a casa. Nós já começamos a se enganar, por que achamos que era rápido as coisas pra vim do INCRA, mas enganamos, e ficamos muito tempo jogados aqui. Nós ficamos dois anos aqui sem sair nada, sem sair o dinheiro pra casa [...] Ah, nós morava num barraco de plástico, durante dois anos. Não tinha água, não tinha nada, nada, nada! Isso daqui era uma braquiara alta, mas uma terra dura aqui não sai nada, vocês mesmo podem ver aí. As mudas ficavam pequenininhas assim, e não virava nada não. Depois de dois anos saiu o dinheiro da casa, e nós fez a casa. Depois de três meses saiu o investimento pra comprar as vacas, aí que foi melhorando as coisas [...] (Ailton Bezerra da Silva).

Vejamos bem, o governo compra a fazenda, loteia, sorteia os lotes de acordo com os inscritos no Sindicato, dando prioridade aos que já trabalhavam com a terra, ou seja, que tinha experiência comprovada como agricultor e depois leva dois anos para enviar o primeiro financiamento para esse pessoal trabalhar? Como fazer reforma agrária sem dar condições para se trabalhar a terra?

Outra dificuldade encontrada por todos os assentados, a falta de água, também atingiu o senhor Ailton.

Buscava água na cacunda, numa represa que tem lá embaixo. Quase dois km daqui. Até pra construir a casa foi buscando água lá embaixo, muitas vezes era na cacunda, por que a gente não tinha dinheiro pra pagar, mas às vezes tinha carro aí a gente pagava para ir buscar pra nós [...] Hoje eu não tenho o que reclamar, porque graças a Deus, a gente foi trabalhando e pelejando e eu dei conta de furar um poço aqui né! Então este problema eu não tenho, mas muita gente ainda tem. O nosso sistema de água lá da sede não funciona porque ninguém tinha renda pra pagar a energia, então depois de três meses eles cortam. (Ailton Bezerra da Silva)

A questão da Associação dos Moradores do Assentamento Serra também foi discutida com o senhor Ailton que já foi um dos presidentes. Ele nos apresenta as várias dificuldades enfrentadas por ele e pelos outros presidentes que passaram pela Associação.

Um problema sério aqui hoje, eu falo pela minha experiência calejada, é a união, porque a gente depende muito da união pra conseguir as coisas, e aqui ninguém tem, aqui cada um pra si. Quando surge uma idéia boa pro povo daqui, eles acham que aquela idéia está surgindo pra beneficio de um só. Aqui é meio complicado. Estamos querendo montar uma cooperativa aí, e parece que essa idéia vai andar, foi a primeira reunião que foi feita que deu certo. As pessoas que veio concordou, mas nem todo mundo veio. As coisas é assim, quando você está quase conseguindo fazer as coisas, vem três ou quatro pessoas e atrapalha tudo, porque não confia [...] Eu cansei de sair daqui e ir pra Campo Grande, com ônibus com setenta, sessenta pessoas dentro, e pessoas daqui mesmo denunciavam a gente pra prender a gente antes de chegar no INCRA. Então líder desse movimento que trabalha pro povo sofre muito. A gente sofre por eles, e eles não estão nem ai com você, não! (Ailton Bezerra da Silva)

A questão da falta de união e conscientização por parte dos próprios assentados fica muito clara para nós. Se as autoridades não trabalham em prol do Assentamento, e nem seus assentados conseguem se articular para poderem reivindicar melhorias, como pode ser possível se obter alguma vitória? Há falta de solidariedade, conscientização e de identificações comuns para esses assentados. Agindo dessa forma, eles mesmos contribuem para sua exclusão social, pois faltam-lhes uma identidade forte dos moradores desse local para que possam ser melhor reconhecidos junto às autoridades governamentais.

Coitados! Eles se ferram, coitados dos presidentes e membros, sofrem! Eles sempre concordam com as discussões nas reuniões, mas depois que sai dali, eles já começam a falar e desmanchar aquilo tudo. A associação tem uma dificuldade muito grande para trabalhar aqui dentro, na verdade, eles não trabalham, porque o pessoal não ajuda eles. (Ailton Bezerra da Silva)

Mesmo assim, o senhor Ailton, dentro do tempo que ficou à frente da Associação, sente orgulho de ter conseguido pelo menos uma melhoria para o assentamento junto à prefeitura.

O posto de saúde foi até no mandato da gente, que conseguimos este posto de saúde. Antes não existia ele aqui não. Quando adoecia uma pessoa aqui, a gente tinha que sair doido pras cidades mais perto, e ainda tinha aquelas burocracias de não atender por que não era da cidade. E Paranaíba era muito longe e quase ninguém tinha carro. Nós conseguimos no mandato do Tita, e isso começou a melhorar um pouco, porque muitas coisinhas que precisava ir na cidade agora não precisa mais. Toda terça-feira o médico tá aí, então ele tá sabendo das necessidades das pessoas aqui. Quando ele não vem, o enfermeiro vem, anota algum pedido de remédio, e na próxima semana, eles mesmo traz. Então é muito bom! (Ailton Bezerra da Silva)

Percebe-se que o pouco que conseguem, para eles é uma grande vitória. Sabemos que numa comunidade de 116 famílias, é mais que obrigatório que se tenha assistência médica adequada, mas se não fizerem um trabalho de luta e reivindicação, nem isso conseguem.

No quesito vida familiar, senhor Ailton afirma ter filhos, uma filha que já era casada ao vir para o Assentamento, continuou em Goiás, já os outros dois filhos vieram junto com ele. Só que eles estudaram na escola do Assentamento por pouco tempo. A escola, na visão do senhor Ailton, era assim:

Na época, que nos assentamos aqui, não tinha nada, era um barracão, improvisamos um quadro que era um papelão. Ai começamos, e foi assim durante um ano. Ai, a sede foi desocupada, e passou a escola pra lá, onde é até hoje. Eu nunca tive o que reclamar não, pelo menos pros meus meninos eu achei muito boa a professora. Muito boa! Eles aprendeu bem [...] Pararam, porque os dois casaram novos, todos os dois. E mudaram daqui. (Ailton Bezerra da Silva).

Apesar de ter passado por várias dificuldades o senhor Ailton conseguiu prosperar no Assentamento. Segundo ele, hoje ele já possui cerca de setenta cabeças de gado, arrenda pastos dos vizinhos para poder criá-las, conseguiu resolver o seu problema com a água, consegue seguir a sua vida com mais tranquilidade. No entanto, percebe-se que a única solução para os filhos já adultos é procurar um outro local para trabalhar, não ficam no Assentamento para levar a mesma vida do pai, saem à procura de outras alternativas de vida, não pretendem continuar o trabalho do pai. Isso, talvez ocorra, devido a falta de qualidade de vida no local, falta de assistência médica melhor, escola e condições para melhor trabalhar terra.

Mesmo estando com uma situação financeira um tanto controlada, quando se pergunta para o senhor Ailton se ele faria tudo de novo, ele nos surpreende.

Não! É por que a gente acha uma coisa e só descobre a realidade depois que tá lá dentro. A gente quando é comum, ninguém dá nada por ela, mas pelo menos nome você tem. A gente pensava que ia melhorar em tudo, mas aí a gente chega aqui e é enquadrado no ministério. E esse dinheiro acaba limitando o seu teto. Hoje pra mim fazer um empréstimo no banco, eu preciso de um avalista, e quem avaliza, um colega assentado? É discriminação porque é sem terra, ou negro [...] Quando eu mexi com lavoura de abacaxi, eu já estive muito bem, bem mesmo! Infelizmente tem uma coisa na natureza que judia também! Eu cansei de perder dez ou doze alqueires de roça por causa da geada [...] Agora trabalhá pros outros não, porque tudo o que faz pra eles não esta bom. (Ailton Bezerra da Silva)

Sabemos assim como Larrosa (1998) que a constituição do “eu” acontece em relação com o “outro” mediada pelos valores, pela história, pela cultura. São as semelhanças e diferenças que determinam o pertencimento. Essa é uma relação facilmente identificada no cotidiano do Assentamento Serra, pois apesar do senhor Ailton pensar que talvez estivesse melhor como arrendatário, conseguiu, apesar das dificuldades, melhorar a sua situação de vida no Assentamento Serra e, o fato de ele não trabalhar de empregado, para ele é uma grande conquista, é uma questão de pertencimento ao local.

No entanto, devido sua conscientização mais politizada, percebe as diferenças, as discriminações enfrentadas nos bancos e na sociedade de um modo geral, tanto é que fala “A gente quando é comum, ninguém dá nada por ela, mas pelo menos nome você tem [...] É discriminação porque é sem terra, ou negro” para ele, antes de ser um assentado ele tinha nome, agora ele é um simples assentado ou um “Sem Terra”, um “negro” e precisa ter avalista, mas quem seria o avalista de um “Sem Terra”, outro “Sem Terra”?

Considerações finais

O Movimento Sem Terra no Brasil vem crescendo nas últimas décadas devido à criação de uma identidade forte e também por suas conquistas nos últimos anos. Uma destas conquistas dos Sem Terra de nossa região é o Assentamento Serra, estudado neste trabalho um pouco mais a fundo.

Neste estudo, podemos perceber a falta de estrutura oferecida pelo poder Público. Que tanto na questão financeira quanto na parte de infra-estrutura deixa muito a desejar. Levando-nos a refletir sobre o porquê deste descaso, pois se o governo gasta para fazer a compra das terras para poder criar o assentamento, porque não investir neste assentamento?

O Assentamento Serra é composto por pessoas humildes, em sua maioria, pessoas que sempre trabalharam no campo que, estão acostumados a lidar com a terra. Mas apesar desses parceiros possuírem estas qualidades, o governo não considera viável investir nestas pessoas. No Assentamento Serra, moram apenas 116 famílias, ficando claro que o governo, não quer propiciar meios para que estas pessoas possam se tornar auto-suficientes, sem depender do poder público para sanar suas necessidades. O que seria do governo se desse mais poder para esses moradores? Percebe-se que, apesar da pouca escolarização do pessoal, eles são muito críticos, são desbravadores, lutadores. Fica claro o porquê do descaso das autoridades.

Quando não é o descaso do poder público é a exclusão por parte do resto da sociedade, que deixa os parceiros à margem, colocando-os como menor, inferior às pessoas do meio urbano. Por que isso ocorre?

É preciso superar a visão dualista, que organiza o conhecimento sobre os fenômenos humanos de forma dicotomizada, em pares antagônicos (ex. rural versus urbano). Essa maneira de compreender o mundo baseia-se em aparências e não dá conta da complexidade do mundo real, os objetos se interpenetram para compor a totalidade. A totalidade contém uma integração entre o rural e o urbano (SILVA, 2.000, p. 131, *apud*, MORIGI, 2003, p. 89).

Acreditamos que devemos assumir tal posicionamento para podermos analisar os fatos, até conseguirmos chegar à conclusão de que o urbano depende do rural e o rural depende do urbano, há uma via de mão dupla entre ambos os espaços. Ambos se completam, não sendo nenhum deles mais importante que o outro. Por isso esta marginalização, este preconceito para com os assentados não traz benefícios para nenhuma das partes.

Um fato comum em nosso cotidiano é o preconceito para com os assentados, pois quem nunca pensou em um assentado como um Sem Terra? Quem nunca fez este julgamento de primeiro instante? Isso é uma contradição, pois o assentado possui seu lote, é um produtor, tem suas criações e, mesmo assim, pensa-se nele como um Sem Terra, fica-nos óbvio o preconceito para com essa gente trabalhadora do/no campo.

A principal forma de sanar este problema seria por meio do investimento em educação, que poderia mudar a forma como as pessoas pensam, tornando-as mais críticas e ligadas à realidade do país. Entretanto, como afirma Martins (2006), a escola de hoje, como todos sabemos funciona no regime de exclusão da diferença, de sua marginalização (Foucault, 1997). Por isso pouco se investe nas escolas das periferias, dos distritos, dos assentamentos. Assim sendo, se não houver um ensino diferenciado, se não se passar para um outro sistema, uma outra forma de ver o ensino, o que é ensinado, não se legitimará, ou não haverá como prender atenção dos escolarizados, pois só é aprendido aquilo que fizer sentido (ecoar) na memória, houver identificação. Do contrário, será só repetição imediata que não se historiza, não fixa, não se desloca, não transfere sentidos de uma para outra cultura, não prende a atenção dos educandos em processo de formação.

Ainda segundo Martins (2006), caso a escola se omita e continue à margem do cotidiano vivido pelas crianças trabalhadoras, torna-se mais difícil a emergência de resistências conscientes e organizadas, aumentando as possibilidades de controle, tornando-se menos autônomas e menos competitivas para a disputa no mercado. Assim a eficiência e a produtividade ultrapassam a esfera do domínio e das condições de produção antes estabelecida e controlada pelo Estado, mediante oferta de sementes aos pequenos produtores que, desarmados de informações científicas e tecnológicas e sem financiamento, põem em risco todo o investimento instruído pela tradição e onde os ensinamentos da escola não conseguiram penetrar.

Somente com a mudança de posicionamento por parte do Estado em relação aos assentados poderá trazer algum avanço. Oferecendo uma escola de qualidade, não esta escola encontrada hoje no Assentamento, levando também mais investimentos para os assentados, proporcionando-lhes alternativas de vida e melhores condições de subsistência.

REFERÊNCIAS

DELGADO, L. de A. N. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FOCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

GOHN, M. G. **Movimentos Sociais e Educação**. São Paulo: Cortez, 2005.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO oferecido pela Associação de Moradores do Assentamento Serra, [199-].

LAMBLÉM, G. A. S. F. **Função Social da Propriedade Rural: Sua Aplicabilidade em Mato Grosso do Sul**. Trabalho de Conclusão de Curso. UEMS, Paranaíba, 2001.

LARROSA, L. **Imagens do outro**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MORIGI, V. **A Escola do MST**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MARTINS, S.A.F. **Histórias de vida: a construção da identidade dos parceiros do Assentamento Serra**. Projeto de Pesquisa apresentado e aprovado pela FUNDECT-MS, 2006.

ORLANDI, E. P. **Língua e Conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.